

“SANTIFICADO SEJA TEU NOME”: SANTIDADE DE DEUS & SANTIDADE DO HO-MEM.

COSTA, Hermisten Maia Pereira da (Universidade Presbiteriana Mackenzie)

Introdução:

A idéia bíblica de santo e santidade é de se *separação*. Conforme o emprego comum das Escrituras, "Santificar" significa separar algo do uso comum para um uso exclusivo, peculiar; os termos bíblicos são utilizados exclusivamente no sentido religioso: a) O sábado é um dia santo: (Ex 16.23; 20.8,11; 35.2); b) Israel é o povo santo de Deus: (Ex 19.6); c) A Igreja da nova dispensação: (1Pe 2.9).

No Antigo Testamento, Arão, o sacerdote, carregava inscrito em sua mitra: "Santidade ao Senhor" (Vd. Ex 28.36-38), indicando a sua consagração total ao serviço de Deus.

Deus é absolutamente santo, majestoso em Sua santidade (Ex 15.11; Sl 99.9; Is 6.3) e deseja do Seu povo uma vida de santidade.

1. “A Oração do Senhor”:

Na oração conhecida como *Pai Nosso*, ensinada por Jesus Cristo aos seus discípulos, inicia assim: *“Portanto, vós orareis assim: Pai nosso que estás nos céus, santificado seja o teu nome”* (Mt 6.9).

A. SENSO DE PRIORIDADE:

Jesus ensina os seus discípulos a iniciar a oração com a meditação da glória de Deus. Aparentemente simples, na prática, nos parece uma dura e disciplinadora lição. Procuramos Deus nos limites de nossas forças, confessando de forma contundente a nossa limitação; no entanto, Jesus Cristo nos desafia a esquecer as nossas questões, os nossos problemas, e a conduzir os nossos olhos para a glória de Deus.

Jesus quer nos educar de tal forma, que tenhamos em tudo, a começar pela oração, o senso de prioridade e de urgência. Ele nos mostra que por mais sérios e graves que sejam os nossos problemas e preocupações, Deus deve ter a primazia. Nesta oração, encontramos uma demonstração prática do ensino de Jesus: *“Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas cousas vos serão acrescentadas”* (Mt 6.33).

1. Santidade de Deus:

Neste ensinamento há outro ponto que deve se realçado: Quando oramos, estamos falando com o nosso Pai. Todavia, devemos ter em mente também que Deus é um Pai Santo, que deve ser reverenciado e adorado. Jesus, na oração sacerdotal, assim se refere ao Pai: “*Pai Santo*” (Jo 17.11).

2. Oração como Ato de Elevar-se:

É impossível louvar a Deus sem que sejamos tomados de um reverente temor diante da Sua grandeza (Sl 111.10).

O alto privilégio que temos de nos relacionar com Deus através de Jesus Cristo deve estar sempre associado à visão da grandeza de Deus, que nos conduz ao Seu serviço com santo temor. “... *Por isso, recebendo nós um reino inabalável, retenhamos a graça, pela qual sirvamos a Deus de modo agradável, com reverência e santo temor; porque o nosso Deus é fogo consumidor*” (Hb 12.28-29).

Davi inicia o Salmo 25 dizendo: “*A ti, Senhor, elevo a minha alma*” (Sl 25.1). O salmista sabe a Quem se dirige, daí ele falar de elevar a sua alma: Deus é santo e soberano; a oração tem sempre o sentido de enlevo espiritual ainda que seja de confissão de pecados. Falar com Deus sempre é um ato de elevar a nossa alma.

3. Santidade do Nome:

Jesus declara a santidade do nome de Deus. O que significa isto? É necessário que entendamos que, no mundo judeu, o nome significa a própria pessoa, por isso, falar no nome de Deus é falar no próprio Deus: a Sua natureza e caráter. Na *Oração Sacerdotal* Jesus diz ao Pai: “*Manifestei (fânero/w)¹ o teu nome (o)/noma) aos homens que me deste do mundo...*” (Jo 17.6-8). À frente: “*Eu lhes fiz conhecer (gnwri/zw/)² o teu nome e ainda o farei conhecer (gnwri/zw/)...*” (Jo 17.26). O Nome

¹O verbo Fânero/w palavra derivada de (𐤀𐤍𐤏𐤍 = “luz”), significa *revelar, tornar conhecido, mostrar, manifestar*.

²O verbo gnwri/zw é derivado de ginw/skw (conhecer, reconhecer, saber). Tanto o verbo *conhecer* (ginw/skw) como o substantivo *conhecimento* (gnw=sij) denota um conhecimento experimental que faz com que possamos discernir os fenômenos, compreendendo a realidade das coisas. Tem também, o sentido de conhecimento pessoal. Jesus alega conhecer o Pai: “*Pai justo, o mundo não te conheceu*

de Deus é a Sua própria natureza. O nome envolve tudo quanto nos foi revelado a Seu respeito: Todos os Seus atributos e todas as Suas obras. O nome de Deus está relacionado à Sua revelação.³ Por outro lado, a santificação do Seu nome pressupõe o conhecimento daquele a quem o nome representa; ou seja, conhecer experimentalmente a Deus (Sl 9.10/Sl 20.7).

Nesta oração Jesus enfoca a honra de Deus entre os homens. Quando oramos estamos desejosos de que o caráter santo e bondoso de Deus seja reconhecido e respeitado entre os homens, como já sucede nos céus.

Aprendemos aqui que a oração deve ser sempre um ato de glorificação a Deus. Nós o glorificamos quando reconhecemos quem é Deus e, pelo Espírito, nos dispomos a cumprir a Sua vontade, proclamando a Sua majestade e glória reveladas no Seu nome (Jo 17.4,6).

2. Oração e Submissão:

“... *Faça-se a tua vontade (Qe/lhma), assim na terra como no céu*” (Mt 6.10). A oração não é uma tentativa de mudar a vontade de Deus, mas sim a manifestação sincera do nosso desejo de submeter-Lhe os nossos projetos, aspirações, sonhos e necessidades. A submissão a Deus é um aprendizado da fé, através de nossa comunhão com Ele.

Ao orarmos sinceramente, conforme nos ensinam as Escrituras, estamos submetendo a nossa vontade a Deus; isto significa que não pretendemos ensinar a Deus, nem mudar a Sua vontade; antes, nos colocamos diante dele dizendo: Eu creio que a Tua vontade é a melhor para a minha vida, cumpre em mim todo o Teu propósito. A oração revela o nosso desejo de que a vontade de Deus se realize. Portanto, oramos não para que Deus realize os nossos desejos mas para que Ele concretize os Seus juízos.

A Oração do Senhor nos ensina a pedir a Deus que realize a Sua vontade aqui na terra como é feita no céu. Oramos para que a vida na terra se aproxime o máximo possível a do céu, onde os anjos cumprem perfeitamente a vontade de Deus (Sl 103.21).

(gīnw/skw); eu, porém, te conheci (gīnw/skw), e também estes compreenderam (gīnw/skw) que tu me enviaste” (Jo 17.25).

³ Heródoto registra uma tradição, relacionada com os Pelasgos, os quais em tempos antigos, sacrificavam “aos deuses todas as coisas que lhes podiam oferecer (...) lhes dirigiam preces, não lhes dando, todavia, nem nome nem sobrenome, pois nunca os viram designados por tal forma. Chamavam-nos deuses, de um modo geral, considerando-lhes a função de estabelecer e manter a ordem no universo. Não vieram a conhecer senão muito mais tarde os nomes dos deuses, quando os egípcios os divulgaram...” (Heródoto, *História*, Rio de Janeiro: Ediouro, [s.d.], II.52).

3. Santificação: A Vontade Santa de Deus para os Seus:

As Escrituras ensinam enfaticamente que a salvação do homem não é um fim em si mesma, antes é o início da vida cristã, através da qual nos tornamos filhos de Deus e progredimos em santificação até à consumação de todo propósito de Deus em nossa vida.

A. A VONTADE DE DEUS:

Uma das expressões bíblicas para expressar a vontade de Deus é o substantivo grego Qe/lhma [derivado do verbo Qe/lw], que significa “vontade”, “desejo”, “intenção”. Mesmo sendo esta palavra utilizada para a vontade do homem, ela é predominantemente atribuída a Deus; e, neste sentido, enfatiza mais o elemento volitivo do que o deliberativo, assinalando que Deus cumprirá a Sua vontade, o Seu propósito.

A santificação é o propósito de Deus para o Seu povo: *“Pois esta é a vontade (qe/lhma) de Deus, a vossa santificação; que vos abstenhais da prostituição”* (1Ts 4.3).

B. O SIGNIFICADO DA SANTIFICAÇÃO:

Cabe, aqui, uma definição operacional:

Santificação é “a graciosa e contínua operação do Espírito Santo pela qual Ele liberta o pecador justificado da corrupção do pecado, renova toda a sua natureza à imagem de Deus, e o capacita a praticar boas obras.”⁴

Santificação, portanto, é o ato sobrenatural que se inicia com a regeneração, consistindo no progressivo abandono do pecado em direção a Deus.

Deus é absolutamente santo, majestoso em Sua santidade (Ex 15.11; Sl 99.9; Is 6.3) e deseja do Seu povo uma vida de santidade.

C. CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A SANTIFICAÇÃO:

1. A Santificação e o Conhecimento de Deus:

A santificação tem como motivação primária a contemplação bíblica da majestade de Deus. A tomada de consciência da grandeza, da santidade de Deus, deve nos conduzir ao desejo de sermos santos conforme Ele é. A santidade de Deus realça o

⁴ L. Berkhof, *Teologia Sistemática*, Campinas, SP.: Luz para o Caminho, 1990, p. 536.

nosso pecado, dando-nos consciência da nossa pequenez e impureza; a perfeição absoluta de Deus revela os nossos pecados e as nossas imperfeições. O brilho da glória de Sua majestade torna mais patente as nossas manchas espirituais. Foi esta a experiência de Isaías diante da revelação de Deus (Is 6.5). A proximidade de Deus, nos faz mais sensíveis a isto; a contemplação da gloriosa santidade de Deus, conforme registrada nas Escrituras, realça de forma eloqüente a gravidade de nosso pecado. Além de Isaías, outros servos de Deus ilustram este fato: Moisés, Jó, Ezequiel, Daniel, Pedro, Paulo e João (Vd. Ex 3.6; Jó 42.5-6; Ez 1.28; Dn 10.9; Lc 5.8; 1Tm 1.15; Ap 1.17), entre outros, tiveram, de modo doloroso, a percepção de sua pequenez, fragilidade e impureza diante de Deus, que é puro de olhos e não pode tolerar o mal (Hc 1.13).

A vontade de Deus é que O conheçamos – aliás este é o motivo fundamental da Sua revelação: para que, confrontados com ela, nos rendamos a Deus, O adoremos, e neste ato, sejamos santificados cada vez mais. Jesus, na “Oração Sacerdotal”, diz: *“E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste”* (Jo 17.3).

Paulo considerou todas as outras coisas como perda, diante da realidade sublime do conhecimento de Cristo; conhecer a Cristo era a sua prioridade (Fp 3.8).

O conhecimento de Deus é mais do que uma simples relação intelectual, antes, é um envolvimento de fé, pela qual nos relacionamos pessoalmente com Ele, revelando esta relação em santificação. Este conhecimento revela-se em obediência.

O nosso confronto com a santidade de Deus deve nos estimular ao crescimento espiritual (1Pe 2.2).

2. A Santificação é um Processo:

A santificação começa com o nosso novo nascimento; todavia, ela jamais terá fim nesta vida. Nós não somos perfeitos, nem o seremos, enquanto estivermos neste modo de vida terreno; todavia, buscamos a perfeição; caminhamos em sua direção (Fp 3.12-14).

O pecado continuará em toda esta existência a exercer influência sobre nós; por isso, qualquer conceito de perfeccionismo espiritual, que declare que o crente não mais peca, é antibíblico. A Bíblia ensina enfaticamente que nós pecamos, mesmo após o nosso novo nascimento. O que nos distingue da nossa antiga condição é que não mais temos prazer no pecado; podemos até dizer que o pecado é um acidente de percurso na vida dos regenerados. Antes o pecado comandava o nosso pensar e agir, agora ele

ainda nos influencia, todavia não mais reina.

Isto indica a necessidade do convertido adquirir novos hábitos pela prática da verdade em amor (Ef 4.15). A graça de Deus é educadora (Tt 2.11-15), agindo através das Escrituras, nos corrigindo e educando na justiça para o nosso aperfeiçoamento (2Tm 3.16,17). Todavia, continuaremos sendo pecadores até o fim desta existência. (Pv 29.9; Ec 7.20; Rm 6.20; 7.13-25; Tg 3.2. 1Jo 1.8). Contudo, não existem carências em nossa vida cristã que não possam ser supridas pelo próprio Cristo, nosso Senhor; e Ele o faz nos renovando através do Seu conhecimento pela Palavra.

Ao povo da Aliança que se desviara do caminho do Senhor, Este lhe diz: *“Aprendei a fazer o bem”* (Is 1.17). A santificação é justamente isto; um santo aprendizado guiado pelo Espírito, tendo como constituição normativa e legislativa do nosso pensar, agir e sentir, a Palavra de Deus. Portanto, a santificação envolve uma nova “alfabetização” espiritual guiada pela Palavra de Deus.

O crente é chamado a uma caminhada constante. Os cristãos eram reconhecidos como aqueles que eram do caminho. (At 9.2; 18.26).

O cristianismo é essencialmente um caminho de vida, fundamentado na prática do Evangelho, conforme ensinado por Jesus Cristo. A santificação é, portanto, um desafio a perseguirmos este caminho, nos empenhando por fazer a vontade de Deus. Por isso, a santificação nos fala de caminharmos sempre em direção ao alvo proposto por Deus, com os nossos corações humildes, desejoso de agradar a Deus, de fazer a Sua vontade com o sentimento adequado.

Esta concepção bíblica conduz-nos a outras:

a) A Santificação envolve um Combate Confiante:

Os cristãos apesar de sua nova natureza, terão que combater o pecado enquanto viverem. Este combate será árduo; a Bíblia não poupa figuras para descrever esta luta com cores vivas; todavia, a Palavra de Deus nos garante, com ênfase maior, a vitória que temos em Cristo. Daí a nossa certeza de que devemos lutar contra o pecado, sabedores que Deus é por nós nesta luta.

Paulo escreve aos coríntios atestando a realidade da tentação mas, ao mesmo tempo, indicando que ela não é vitoriosa sobre nós: *“Não vos sobreveio tentação que não fosse humana; mas Deus é fiel, e não permitirá que sejais tentados além das vossas forças, pelo contrário, juntamente com a tentação, vos proverá livramento, de sorte que a possais suportar”* (1Co 10.13).

Notemos que a promessa de Jesus se refere ao Seu socorro que nos conduz à vitória; todavia, isto não exclui a gravidade da tentação, da luta contra a carne, o mundo e o diabo. Em nosso desejo renovado de agradar a Deus, encontraremos sempre no pendor de nossa carne uma luta contra este propósito, para que façamos a vontade do velho homem, surgindo daí, um combate renhido. Todavia, a nossa nova natureza triunfará pelo Espírito de Deus que em nós habita, cuja presença nos identifica como filhos de Deus (Rm 8.9,14,16).

O escritor de Hebreus, tendo em vista o combate cristão, toma o sofrimento de Cristo como um exemplo e estímulo para a Igreja: *"Considerai, pois, atentamente, aquele que suportou tamanha oposição dos pecadores contra si mesmo, para que não vos fatigais desmaiando em vossas almas"* (Hb 12.3). No momento seguinte, indicando a gravidade deste combate, adverte os seus ouvintes: *"Ora, na vossa luta contra o pecado, ainda não tendes resistido até ao sangue...."* (Hb 12.4).

Contudo, apesar deste combate real – e não devemos minimizá-lo – a Escritura nos mostra a segurança que temos em Cristo Jesus: *"....Aquele que começou boa obra em vós há de completá-la até o dia de Cristo Jesus"* (Fp 1.6). Pedro, à igreja perseguida e provada, diz: *"....Sois guardados pelo poder de Deus, mediante a fé, para a salvação preparada para revelar-se no último tempo"* (1Pe 1.5). Continua: *"Nisto exultais"* (1 Pe 1.6).

2) A Santificação e a Consciência do Pecado:

Vimos que a nossa santificação é um processo de crescimento espiritual, sendo marcado por um combate violento; e que todavia, apesar disso, temos a vitória em Cristo.

Faz-se necessário destacar que, em meio a esta luta, muitas vezes nos sentimos como que totalmente vencidos, tendo a consciência aguda de nossa fraqueza e pecado, com a nítida sensação de sermos derrotados, que as nossas provas vão além de nossa resistência. O próprio Pedro que, conforme já indicamos, recomenda a exultação da Igreja pelo fato de sermos guardados por Deus (1Pe 1.5-6), diz: *"Nisso exultais, embora, no presente, por breve tempo, se necessário, sejais contristados por várias provações"* (1Pe 1.6). Paulo também, ao olhar para si mesmo, declara: *"Desventurado homem que sou! quem me livrará do corpo desta morte?"* (Rm 7.24).

Nós também talvez tenhamos nos sentido assim em diversas ocasiões, como o homem "desventurado" e "miserável" diante da bondade de Deus. E, aqui, não há atenu-

ante; diante de Deus, da contemplação da Sua augusta presença, da meditação de Sua majestade, conforme revelada nas Escrituras, todos nós nos sentimos miseráveis pecadores, homens de lábios impuros, o principal dos pecadores, conforme expressão de Paulo.

Entretanto, esta consciência de nosso pecado nos acompanhará sempre e, se me permitem, digo mais: ela é uma das características dos homens regenerados, que crescem em sua fé. A santificação traz consigo u'a maior consciência da grandeza de Deus e concomitantemente de nossa pequenez; daí a genuína compreensão de nossa miserabilidade diante de Deus. Quanto mais perto estivermos do Santo, mais certeza da nossa impureza teremos. Antes, talvez não julgássemos pecado determinadas práticas triviais de nossa vida; agora, porém, já não nos sentimos bem neste procedimento, temos uma consciência mais apurada da santidade de Deus e do que Ele requer de nós; assim, crescer em santidade significa aprimorar a consciência de nossas falhas. Deste modo, Paulo, nos seus últimos anos de vida, escreve: *"Fiel é a Palavra e digna de toda aceitação, que Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal"* (1Tm 1.15).

O nosso conforto é que mesmo Deus sendo santo, não podendo conviver com o pecado, odiando a iniquidade (Is 61.8), e nós sendo miseráveis pecadores, Ele nos perdoa e purifica quando, arrependidos, lhe confessamos os nossos pecados: *"Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça"* (1Jo 1.9).

3) A Santificação tem um sentido escatológico:

Já indicamos que a Santificação é um processo que não encontra a sua perfeição nesta vida. A sua conclusão se dará em nossa glorificação futura, quando Deus completar a Sua obra iniciada em nós (Rm 8.29-30: Fp 1.6). Nesse sentido, a consumação da santificação tem dois aspectos: um espiritual e outro físico: espiritual, em nossa alma quando morrermos; físico, quando Cristo voltar em glória, ressuscitarmos e tivermos os nossos corpos glorificados. Assim, a santificação será total. A perspectiva do encontro com Cristo, quando Ele regressar em glória, deve nos motivar hoje, solícitamente, à santificação, a fim de vivermos em santidade na Sua presença, puros como Ele é puro.

A santidade perfeita no céu encontra os seus primórdios na vida dos cristãos aqui na terra. Isto indica a nossa responsabilidade presente. *"Amados, agora somos filhos de*

Deus, e ainda não se manifestou o que havemos de ser. Sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque havemos de vê-lo como ele é. E a si mesmo se purifica todo o que nele tem esta esperança, assim como ele é puro" (1Jo 3.2-3).

Cristo morreu por nós para que Ele nos apresentasse *"a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem cousa semelhante, porém santa e sem defeito"* (Ef 5.27). Dentro desta perspectiva, a Igreja procura viver de forma santa, para se encontrar com Cristo, conforme o Seu propósito sacrificial.

O desejo da Igreja deve ser de se encontrar com Cristo de forma íntegra e irrepreensível; por isso a Igreja é chamada a viver hoje na presença de Deus, estando sempre preparada para o Seu encontro final e jubiloso com o Senhor Jesus; este era o alvo da intercessão de Paulo, conforme vimos (1Ts 5.23).

Jesus Cristo, que se santificou pela Igreja e que se entregou por ela, exerce o Seu poder para apresentá-la com alegria a Si mesmo, uma Igreja irrepreensível, diante do escrutínio da Sua glória. O apóstolo Judas encerra a sua epístola com uma doxologia, cuja primeira parte nos diz: *"Ora, àquele que é poderoso para vos guardar de tropeços e para vos apresentar com exultação, imaculados diante da sua glória"* (Jd 24. Ver: Ef 5.25-27).

O nosso padrão de santidade não é um simples "melhoramento" diante dos padrões humanos, mas, sim, sermos conforme Cristo: Fomos eleitos para Cristo, a fim de sermos "conformes à imagem" dele; portanto devemos ser seus imitadores, seguindo as suas pegadas (Vd. Rm 8.28-30/ Jo 13.15; 2Co 3.18; Ef 4.32; 5.1-2; Fp 2.5-8; 2Ts 2.13; 1Pe 1.13-16; 2.21).

4) A Santificação é Imperativa:

A santificação é um imperativo expresso por Deus em Sua Palavra, para todos os Seus filhos. De fato, não pode existir vida cristã estagnada, acomodada. A vida cristã é um desafio à santidade, conforme o propósito de Deus.

Deus nos chama à santidade, conforme o Seu propósito sábio, soberano, santo e eterno. Sendo assim, a santificação faz parte essencial da vida da Igreja.

A santificação é uma vocação incondicional de todo o povo de Deus. Deus nos elegeu na eternidade com este propósito (Ef 1.4). De fato, não há salvação sem santificação. A nossa eleição e salvação se evidenciam em nossa santificação; em nosso desejo de fazer a vontade de Deus. A Palavra de Deus estabelece uma relação intrínseca

entre a nossa responsabilidade de santificação e o nosso chamado (Rm 1.7; 1Co 1.2; Ef 1.4; 2Ts 2.13).

Considerações Finais:

A consideração sobre a santidade de Deus é um desafio constante a vivermos de modo santo, em todas as nossas relações. A santidade não é simplesmente uma abstração, antes é uma meta de vida para todo cristão na sociedade. Deste modo, quando oramos "seja feita a Tua vontade", estamos, na realidade, pedindo que o Deus Santo cumpra o seu propósito eterno de santidade em nós, que realize de forma plena o alvo de nosso chamamento. E, concomitantemente, estamos conscientes de nossa responsabilidade, pedindo humildemente a Deus que nos capacite a fazer a Sua vontade, conforme o Seu propósito eterno.